

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### Autores:

 *Delean Bastos Sampaio*

 0000-0002-0617-8534  8549372369359113

Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará.

 *Maria Luiza Rocha Barreto de Carvalho*

 0000-0001-5280-2281  0687906859921493

Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza-Ce.

 *Luan Santos Mendes*

 0000-0001-8767-7986  1187903879556430

Universidade Federal do Ceará.

# AÇÕES DE PREVENÇÃO AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO: VIVÊNCIAS COM ESCOLARES

*Human virus papiloma prevention actions: experiences with students*

*Acciones para prevenir el papiloma virus humano: experiencias con estudiantes*

### RESUMO

**Objetivo:** Este trabalho tem por objetivo descrever a experiência de profissionais da Atenção Primária à Saúde em ações de prevenção ao Papilomavírus Humano (HPV), infecção sexualmente transmissível mais prevalente no mundo. Buscou-se captar escolares com faixa etária entre nove e quatorze anos para adesão à vacina contra o HPV, de acordo com os protocolos preconizados pelo Programa Nacional de Imunização. **Método:** Identificou-se um número considerável de estudantes vulneráveis ao acometimento desse agente na escola selecionada como cenário das vivências. Foram realizados momentos educativos prévios com os alunos do 7º ao 9º ano do ensino fundamental, como também eventos de educação em saúde voltados para seus responsáveis. Em seguida, realizaram-se as ações de vacinação para o público-alvo, tendo como ambiente inicial a referida escola, e, posteriormente, a unidade de saúde anexa. **Resultados:** Observou-se que, após a intervenção, o resultado da vacinação dos alunos foi positivo, mas não completamente satisfatório, constatando-se, assim, a importância de atividades educativas e preventivas continuadas. **Conclusão:** Percebeu-se o quanto os jovens estão necessitados de informação em relação ao vírus e à vacina, tornando-se necessárias mais ações voltadas para esse público por parte dos profissionais de saúde e educação integrados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vacinação. Papilomavírus Humano. Promoção da Saúde em Ambiente Escolar.

### ABSTRACT

**Objective:** This work aims to describe the experience of Primary Health Care professionals in actions to prevent Human Papilloma Virus (HPV), the most prevalent sexually transmitted infection in the world. We sought to attract students aged between nine and fourteen years to adhere to the HPV vaccine, according to the protocols recommended by the National Immunization Program. **Method:** A considerable number of students who were vulnerable to the involvement of this agent in the selected school were identified as the scenario of the experiences. Previous educational moments were held with students from the 7th to the 9th grade of elementary school, as well as health education events aimed at those responsible. Then, vaccination actions were carried out for the target audience, having the school as its initial environment, and, later, the attached health unit. **Results:** It was observed that, after the intervention, the result of the students' vaccination was positive, but not completely satisfactory, thus confirming the importance of carrying out continuing educational and preventive actions. **Conclusion:** It was noticed how much young people are in need of information regarding the virus and the vaccine, making it necessary for more actions directed at this public by the integrated health and education professionals.

**KEYWORDS:** Vaccination. Human Papilloma Virus. Health Promotion.

### RESUMEN

**Objetivo:** Este trabajo tiene como objetivo describir la experiencia de los profesionales de Atención Primaria de Salud en acciones para prevenir el Virus del Papiloma Humano (VPH), la infección de transmisión sexual más prevalente en el mundo. Intentamos atraer a estudiantes con edad entre nueve y catorce años para que se adhieran a la vacuna contra el VPH, de acuerdo con los protocolos recomendados por el Programa Nacional de Inmunización. **Método:** Se identificó un número considerable de estudiantes que eran vulnerables a la participación de este agente en la escuela seleccionada como escenario de las experiencias. Se llevaron a cabo momentos educativos anteriores con estudiantes de 7º a 9º grado de primaria, como eventos de educación sanitaria dirigidos a los responsables. Luego, se llevaron a cabo acciones de vacunación para el público objetivo, teniendo la escuela como su entorno inicial, y, posteriormente, la unidad de salud adjunta. **Resultados:** Se observó que, después de la intervención, el resultado de la vacunación de los Estudiantes fue positivo, pero no del todo satisfactorio, verificando, por lo tanto, la importancia de llevar a cabo acciones educativas y preventivas continuas. **Conclusión:** Se notó cuánto los jóvenes necesitan información con respecto al virus y la vacuna, haciendo más acciones dirigidas a este público por profesionales integrados de salud y educación.

**PALABRAS CLAVE:** Vacunación. Papillomavirus Humano. Promoción de la Salud.

## Contato do Autor Principal

deleanbastossampaio@gmail.com

## Informações de Publicação

Enviado: 28/02/2020  
Aceito para Publicar: 31/05/2020  
Publicado: 29/06/2020



## INTRODUÇÃO

A infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV) é considerada a infecção sexualmente transmissível com maior prevalência em todo o mundo. O HPV está associado ao câncer cervical, um importante problema de saúde pública que, depois do câncer de mama, é um dos principais responsáveis pelas mortes do sexo feminino<sup>1</sup>. Alguns dos principais fatores de ameaça para o contágio do HPV são: idade precoce na primeira relação sexual, prática sexual sem uso de barreiras protetoras e aumento do número de parceiros sexual, além de outros fatores que podem deixar os indivíduos imunossuprimidos e facilitar a infecção pelo HPV<sup>2</sup>.

De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada dez pessoas está infectada pelo HPV, sendo detectados 500 mil novos casos de câncer cervical por ano. Para o Brasil, estima-se que haja 9 a 10 milhões de infectados por esse vírus, e que a cada ano 700 mil novos casos ocorram. Aproximadamente 70% desses novos casos são observados em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, sendo que cerca de 230 mil mulheres terminarão evoluindo para óbito devido ao câncer de colo de útero invasivo<sup>3</sup>.

Os vírus podem ser classificados conforme o risco epidemiológico, sendo de baixo ou alto risco<sup>4</sup>. Os HPV de baixo risco são geralmente encontrados em condilomas vulvo-genitais, enquanto os de alto risco são associados ao câncer cervical. A incidência por HPV de alto risco é mais abrangente do que o de baixo risco, e o HPV do tipo 16 é mais dominante nas infecções do trato genital e o mais prevalente em quase todas as partes do mundo. Mulheres com vírus HPV dos tipos 16 e 18 têm um risco maior de desenvolver câncer cervical, quando confrontadas com aquelas que desenvolvem outros tipos<sup>1</sup>.

Na população feminina, é estreita a relação da infecção pelo HPV com a etiologia do câncer do colo do útero. Sua transmissão ocorre através do contato direto com a pele infectada e por meio de relações sexuais<sup>2</sup>. Além do câncer cervical, as verrugas genitais e as lesões pré-cancerosas do trato anogenital masculino e feminino também estão associados ao HPV, bem como aos cânceres de cabeça e pescoço. Cerca de 32 milhões de casos novos de verrugas genitais são descritos por ano mundialmente. No Brasil, esses números chegam a um valor em torno de 1,9 milhões de casos relatados<sup>5</sup>. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), eram esperados no Brasil, para 2018, 16.370 casos novos de câncer de colo do útero, com risco estimado de 17,11 casos a cada 100 mil mulheres<sup>6</sup>.

A população masculina é a principal responsável pela transmissão da infecção ao sexo feminino, que ocorre de forma sexual. Isso acontece porque, diferentemente de outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), o HPV é transmitido mais facilmente do homem para a mulher do que da mulher para o homem<sup>5</sup>.

Considerando-se a vacinação, o método mais eficaz e de melhor custo-benefício para se combater uma doença de etiologia infecciosa, foram desenvolvidas e aprovadas no Brasil duas vacinas profiláticas contra o HPV, sendo elas a bivalente e a quadrivalente. Além dos sorotipos 16 e 18, os quais são cobertos pela vacina bivalente, a vacina quadrivalente também previne infecções pelos tipos 6 e 11. Vale ressaltar que essa vacina, como agente imunizador contra o HPV, foi aprovada em 2006 pela *Food and Drug Administration* (FDA) e, nesse mesmo ano, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Brasil (ANVISA) regulamentou sua comercialização no país<sup>7</sup>.

No Brasil, o público-alvo para a vacinação contra o HPV recomendado pelo Programa Nacional de Imunização (PNI) são as crianças e adolescentes entre nove e 14 anos. Diante disso, acredita-se que uma importante estratégia para se conseguir a cobertura vacinal adequada desses jovens é a vacinação nas escolas. Ademais, sendo os adolescentes adequadamente informados e abordados acerca do HPV, a maioria apresenta resposta satisfatória à recomendação da vacina<sup>8</sup>. A vacinação contra o HPV em ambiente escolar é, portanto, estratégica para o alcance de altas coberturas vacinais, como pode-se perceber nos países que adotaram esse método. Em 2014, quando aconteceu a campanha da primeira dose contra o HPV no Brasil, foi orientado pelo Ministério da Saúde (MS) que as escolas deveriam participar ativamente, o que resultou no alcance de 100% de vacinação nas escolas<sup>9</sup>.

As limitações existentes podem repercutir sobre as formas de consideração da prevenção ao HPV que merecem esclarecimentos, portanto, conhecer o vírus e seus agravos constitui um novo desafio no âmbito da saúde pública<sup>10</sup>. É preocupante os grandes índices de contaminação por HPV em todo o mundo. Sobretudo nos países em desenvolvimento, a infecção pelo HPV apresenta altas taxas de morbimortalidade, o que a caracteriza como uma epidemia de caráter silencioso<sup>11,12,13</sup>. No Brasil, o câncer de colo uterino, cuja etiologia está diretamente relacionada à infecção pelo HPV, constitui-se como terceira causa de morte por câncer em mulheres, acometendo por ano 5.264 vítimas fatais<sup>14</sup>.

Assim, torna-se necessário estudar e esclarecer os aspectos envolvidos na vacinação contra o HPV, tendo em vista que se trata de uma maneira profilática relativamente nova e que reflete de forma positiva na saúde pública, mas que ainda encontra resistência e dúvidas por parte de alguns grupos populacionais, tais como: estudantes, população em geral e profissionais da educação, os quais devem atuar como multiplicadores de informações. É preciso, portanto, que se promova a adequação da imunização na população-alvo, com a administração das doses de vacina na faixa etária preconizada pelo PNI, visando, assim, mitigar os custos elevados com o programa, tornando-o mais custo efetivo.

Diante da problemática apresentada, profissionais da Atenção Primária à Saúde buscaram realizar uma intervenção junto a escolares, com vistas a promover proteção vacinal contra o HPV. Foram captados estudantes com faixa etária entre nove e quatorze anos para adesão à vacina. Além disso, de maneira prévia, foram planejados e realizados momentos de educação e promoção de saúde, com a finalidade de desmistificar a vacina e ampliar a procura pela mesma, como também uma tentativa de sensibilizar alunos, responsáveis, professores e profissionais da saúde.

Através deste relato de experiência, enfatiza-se a relevância do tema e a necessidade de se efetivar as políticas públicas de saúde de prevenção ao HPV.

## MÉTODOS

O presente trabalho se caracteriza como um relato de experiência, portanto sem necessidade de apreciação por comitê de ética. O local de realização foi uma escola pública municipal anexa a uma Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS) em Fortaleza-Ceará. E o período de execução das ações ocorreu durante os meses de abril a junho de 2019.

O público-alvo desta intervenção foi composto por jovens com faixa etária entre 9 e 14 anos, estudantes na escola selecionada como cenário de prática. Consolidaram-se as doses recebidas por cada um desses alunos da vacina contra o HPV. E, após esse levantamento, foram programadas ações de educação em saúde com abordagem de temas acerca do vírus HPV e da importância da vacina preventiva.

Foram seis momentos educativos, no formato de rodas de conversa, realizados na biblioteca da escola, com duração média de 1 hora e 30 minutos. Participaram dessas ações alunos do 7º ao 9º ano do ensino fundamental e seus professores. As atividades foram conduzidas por membros das equipes de saúde da família da referida UAPS, tendo como recursos humanos professores e acadêmicos de graduação em enfermagem de uma universidade parceira. Destacou-se o uso de instrumentos eletrônicos, por meio dos quais foi exposto um filme divulgado pelo MS acerca do tema em questão.

Os responsáveis pelos alunos que estavam na faixa etária entre nove e 11 anos participaram de outras oficinas educativas em separado, com o objetivo de que fossem compartilhadas com eles orientações e explicações de possíveis dúvidas sobre o vírus HPV e sua vacina preventiva.

Houve também a parceria de duas profissionais do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB), sendo uma terapeuta ocupacional e uma psicóloga, as quais ministraram o tema “A vacina contra o HPV e a atividade sexual precoce”.

Após isso, seguiu-se para a ação de vacinação, tendo como ambiente a escola em questão. Previamente à ação propriamente dita, houve o cuidado de se enviar aos responsáveis um informe sobre a importância dessa campanha de vacinação na escola, como também um termo de autorização ou recusa da vacina a ser preenchido por eles. Nessa ação de vacinação, atuaram como vacinadoras a enfermeira e a técnica de enfermagem de uma das equipes de saúde da família.

É importante ressaltar que os escolares que não se vacinaram no dia da ação na escola foram orientados a procurar o setor de imunização da UAPS, a fim de atualizarem sua situação vacinal contra o HPV. Assim, nos dias que se seguiram, um número considerável de estudantes da referida escola compareceu com seus respectivos responsáveis na unidade de saúde para se vacinar, e a captação do público alvo em questão para a vacinação contra o HPV aumentou. A fim de demonstrar tal melhoria na cobertura vacinal contra o HPV, as técnicas de enfermagem e a enfermeira da equipe registraram nesse período cada dose aplicada aos adolescentes que chegavam ao setor de vacina da unidade, vindos da escola em questão.

Ressalta-se que o presente trabalho, apesar de se caracterizar como relato de experiência, manteve a identidade dos participantes preservada, em respeito aos preceitos éticos.

## RESULTADOS

De acordo com o levantamento realizado previamente às ações, o quantitativo de alunos do quarto até o nono ano do ensino fundamental que apresentava a faixa etária preconizada pelo MS para receber a vacina contra o HPV era de 721 (setecentos e vinte e um), sendo 404 (quatrocentos e quatro) meninas e 317 (trezentos e dezessete) meninos. A situação vacinal desses estudantes foi identificada e está demonstrada na Tabela 1. Os dados simples apresentados em forma de números absolutos demonstram uma alta taxa de jovens pertencentes ao público-alvo para a vacina contra o HPV que não possuía nenhuma dose recebida, o que revelou a baixa cobertura no ambiente da intervenção.

**Tabela 1** – Quantitativo de alunos na faixa etária de 9 a 14 anos, de acordo com as doses recebidas da vacina contra o HPV, antes das ações propostas.

	<b>1 dose</b>	<b>2 doses</b>	<b>Não vacinados</b>	<b>Total de alunos</b>
Meninas	85	159	160	404
Meninos	60	82	175	317
<b>Total</b>	<b>145</b>	<b>241</b>	<b>335</b>	<b>721</b>

Com a realização da ação no ambiente escolar, a situação vacinal desse público-alvo refletiu uma mudança pouco considerável, quando comparada à realidade anterior. Um pequeno aumento na cobertura vacinal contra o HPV evidencia-se ao se avaliar os números expressos na Tabela 2. Ou seja, apenas 16 (dezesesseis) alunos foram vacinados na campanha realizada na escola.

**Tabela 2** – Quantitativo de alunos que se vacinaram contra o HPV durante a intervenção na escola, na faixa etária de 9 a 14 anos, de acordo com as doses recebidas.

	<b>1ª dose</b>	<b>2ª dose</b>	<b>Total de alunos</b>
Meninas	04	08	12
Meninos	03	01	04
<b>Total</b>	<b>07</b>	<b>09</b>	<b>16</b>

Em seguida, houve uma captação dos estudantes que não participaram da ação de vacinação no ambiente escolar para atualizarem sua situação vacinal na UAPS. Observou-se, com isso, uma considerável melhoria na cobertura da vacina contra o HPV no público-alvo, no período do mês de junho de 2019 em comparação com os meses anteriores, conforme se demonstra na Tabela 3.

**Tabela 3** – Quantitativo de alunos que se vacinaram contra o HPV na unidade de saúde, após a ação na escola, na faixa etária de 9 a 14 anos, de acordo com as doses recebidas.

	<b>1ª dose</b>	<b>2ª dose</b>	<b>Total de alunos</b>
Meninas	20	25	45
Meninos	27	19	46
<b>Total</b>	<b>47</b>	<b>44</b>	<b>91</b>

No total, foram aplicadas 107 (cento e sete) doses de vacina contra o HPV durante o período de execução desta intervenção, sendo 16 (dezesesseis) na escola e 91 (noventa e uma) no posto de saúde.

Considera-se, portanto, o resultado positivo, mas não completamente satisfatório, tendo em vista o alto número de estudantes que compõem o público-alvo desta intervenção, os quais, ainda assim, permaneceram sem a cobertura vacinal contra o HPV.

## DISCUSSÃO

Entende-se que a escola é um importante veículo de informações e espaço privilegiado para se implantar políticas públicas de promoção de saúde de crianças e adolescentes. Baseando-se nessa reflexão, o ambiente escolar foi escolhido como cenário das ações propostas nesta intervenção. De início, percebeu-se que uma alta taxa de alunos na faixa etária preconizada pelo MS para vacinação contra o HPV estava sem nenhuma dose registrada. Assim, um número considerável de escolares estava vulnerável ao acometimento da infecção por esse agente. Esses jovens provavelmente desconheciam os riscos envolvidos e a importância dessa imunização para a prevenção, não só da infecção pelo HPV, mas também da relação deste com outras doenças, como o câncer de colo do útero.

A eficácia da vacinação está relacionada à quebra do estigma que a associa às IST<sup>15</sup>. Um estudo que teve como objetivo analisar o conhecimento de homens e mulheres acerca do HPV revelou que a maior parte dos entrevistados nunca havia ouvido falar do HPV e nem das vacinas disponíveis, sendo menor a proporção de pessoas com informações adequadas acerca do vírus e das consequências da infecção. Nessa perspectiva, os autores esclarecem o quanto é importante implementar ações educativas para a população<sup>12</sup>.

Outro estudo foi realizado em uma escola estadual onde foi realizada a vacinação contra o HPV para avaliar o nível de conhecimento dos estudantes. Constatou-se que, mesmo com a campanha de vacinação, muitos jovens desconheciam o HPV e a eficácia e importância da imunização, ficando evidente a importância de se intervir na escola juntamente com o corpo docente para ampliar os conhecimentos e promover a prevenção contra o HPV<sup>16</sup>.

É na atenção básica e, mais especificamente, na Estratégia Saúde da Família (ESF) que se executam as maiores ações de prevenção do câncer do colo de útero, mediante ações coletivas educacionais<sup>17</sup>. Apesar das ações do MS, observa-se que se faz necessária a adoção de estratégias de saúde pública, junto às escolas, com a finalidade de ampliar a procura pela vacina, garantindo a redução nas taxas de mortalidade pelo câncer do colo de útero.

Observou-se nesta experiência que, após a intervenção realizada, o resultado geral da vacinação dos estudantes foi pouco satisfatório. Ou seja, o número de doses aplicadas contra o HPV ainda foi considerado baixo. Constatou-se, assim, a importância da realização de mais ações educativas de promoção de conhecimento em relação ao vírus e à vacina preventiva. Percebeu-se que até existe certa receptividade para a vacina contra o HPV na população de escolares adolescentes, porém essa aceitabilidade

coexiste com a desinformação e/ou subsídios inadequados. Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de intervenções educativas continuadas nas escolas para o compartilhamento de informações corretas sobre o vírus HPV e a vacina, tendo em vista o déficit de conhecimento por parte dos alunos acerca desse tema.

A população, muitas vezes, apresenta conhecimento insatisfatório sobre o HPV e sobre as vacinas disponíveis, o que pode estar relacionado à forma como as informações estão sendo selecionadas e transmitidas pelos profissionais de diversas áreas<sup>12</sup>. As ações educativas que visam melhorar o conhecimento e incentivar a vacinação devem abordar informações quanto ao vírus HPV e ao câncer de colo de útero; à vacinação contra o HPV, incluindo seus objetivos e resultados esperados; à realização periódica do rastreamento do câncer; ao diagnóstico e tratamento do câncer; à prevenção de IST. Tais ações devem valorizar a participação e autonomia do público-alvo, estimulando-os a adotar comportamentos saudáveis<sup>18</sup>.

A comunicação com os adolescentes deve ser em linguagem clara, consistente e culturalmente adequada. E, na busca de sensibilizar e informar sobre a importância desse assunto, outros grupos da população também devem ser esclarecidos<sup>18</sup>. Uma questão muito importante diz respeito aos mitos e tabus que se relacionam com o tema em questão. Os adultos responsáveis por esses jovens, principalmente aqueles que são pais de meninas, muitas vezes associam, de forma equivocada, a vacina contra o HPV a um possível início sexual precoce. Acredita-se, portanto, que essa importante barreira cultural pode ser enfrentada através de ações de educação em saúde voltadas para os pais e/ou responsáveis acerca da temática do HPV.

Como limitação da intervenção, percebeu-se certa resistência inicial entre os profissionais da escola, alguns profissionais de saúde e, principalmente, entre os pais e/ou responsáveis, os quais demonstraram certo receio quanto à aplicabilidade das ações. Acredita-se, inclusive, que isso pode ter sido fator causal para a baixa adesão do público-alvo no primeiro momento desta experiência.

É importante ressaltar que, nos dias que se seguiram à campanha realizada na escola, houve um aumento significativo da procura de crianças e adolescentes para a vacinação contra o HPV na unidade de saúde. Acredita-se que as atividades educativas voltadas para os responsáveis com esclarecimentos em torno da importância da vacina como forma de prevenção contra o HPV foi fator preponderante para o alcance desse resultado. O profissional de saúde deve, portanto, agir como facilitador e modificador da realidade. Não cabe a ele simplesmente informar, mas também viabilizar a aplicação dessa informação, com o intuito de reverter o quadro negativo identificado.

## CONCLUSÃO

As questões que nortearam a condução deste trabalho foram: “Quais os motivos que levam estudantes adolescentes a não aderirem à vacina contra o HPV? Quais ações precisam ser melhoradas para se alcançar a cobertura vacinal de 80% preconizada pelo Ministério da Saúde?” No entanto, o propósito geral da intervenção proposta foi promover a melhoria do conhecimento sobre o HPV e sua vacina preventiva.

O tema proposto levantou discussões no sentido de promover reflexão sobre a vacinação contra HPV entre meninos e meninas, e também de fortalecer o vínculo entre a escola e a unidade de saúde, com vistas a se atingir a cobertura vacinal de 80% preconizada pelo MS. Além disso, os resultados encontrados neste trabalho poderão subsidiar futuros estudos que busquem melhorar a adesão à vacinação contra o HPV e fortalecer o planejamento de ações educativas contínuas e sistemáticas. Deixa-se como sugestão que outros temas também sejam abordados entre os adolescentes escolares, com a finalidade de lhes despertar interesse para a saúde e manter o vínculo desse público-alvo com a equipe de saúde da família.

## REFERÊNCIAS

1. Silva YKS, Silva NF, Aguiar RCBS, Siva EM, Souza IA, Maia CS. Papilomavírus Humano (HPV) em câncer cervical. Anais do Congresso Nordestino de Biólogos. 2017;7:312–318.
2. Costa AGA, Reis ACC, Vaz GL, Fernandes JRR, Lima MHC, Almeida AF, Costa RS, et al. HPV—O que eles sabem: avaliação com alunos do ensino superior e profissionais de saúde—município de Valença-RJ. Braz J Surg Clin Res. 2017;18:44–50.
3. Organização Mundial da Saúde. Incidência do câncer no Brasil: Estimativa 2018 [Internet]. INCA. Rio de Janeiro: INCA; 2017. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2018/estimativa-2018.pdf>.
4. Borges MPM, Fernandes AMPS, Mata MAP, Sousa MFG. Conhecimentos dos adolescentes acerca do HPV. Instituto Politécnico de Bragança, Portugal. I Congresso Nacional de Ciências Biomédicas laboratoriais: Livro de Atas. 2016;1:83–87.
5. Sydow AC. Adesão à Programação de vacinação brasileira. Novo Hamburgo: Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. 2019; 84p.
6. Brasil. Instituto Nacional de Câncer. Estimativa 2018: Incidência de câncer no Brasil. [Internet]. INCA; 2017. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//estimativa-incidencia-de-cancer-no-brasil-2018.pdf>.
7. Motta ALB. Avaliação das ações de prevenção ao câncer de colo de útero na atenção básica em saúde no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2017. Tese de Doutorado. 2017;257p.
8. Ballalai I. Vacinação no ambiente escolar: o que experiência internacional nos ensina? Revista Imunizações. 2017; p. 11–15.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. Informe técnico da vacina papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) 2015 segunda dose. [Internet]. Brasília; 2015; p. 38. Disponível em: [https://saude.es.gov.br/Media/sesa/PEI/Informe\\_Tecnico\\_vacina\\_papilomavirus\\_humano\\_6\\_11\\_16\\_18\\_recombinante\\_agosto\\_2](https://saude.es.gov.br/Media/sesa/PEI/Informe_Tecnico_vacina_papilomavirus_humano_6_11_16_18_recombinante_agosto_2)

015.pdf.

10. Lopes KFAL. Desvelando saberes e práticas de agentes comunitários de saúde sobre a prevenção do câncer de colo uterino. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2016. Dissertação de Mestrado. 2016;104p.
11. Carvalho AF, Amorim MGR, Azevedo DDM. Papilomavirus humano: percepção de vacinadoras acerca da resistência à vacina. *Temas em Saúde*, João Pessoa. 2015;15(4):4–18.
12. Medeiros R, Morais AMB. Motivos que influenciam as mulheres a não realizar o exame preventivo citológico Papanicolau na prevenção do Câncer do Colo do Útero. *Temas em Saúde*, João Pessoa. 2015;15(4):19–43.
13. Santos JGC, Dias JMG. Vacinação pública contra o papilomavírus humano no Brasil. *Esc Anna Nery. Rev Med Minas Gerais*. 2018; 28: e-1958.
14. Brasil. Ministério da Saúde. Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada) [Internet]. Vol. 18, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento De Vigilância das Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. 2018. p. 1–39. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/14/Informe-T--cnico-HPV-MENINGITE.pdf>.
15. Anjos CF. Fatores associados ao comportamento sexual de risco em adolescentes e adultas jovens. Goiânia: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, 2018. Dissertação de Mestrado. 2018; 88p.
16. Krabbe EC, Padilha ADOSS, Henn A, Dal Molin DB, Teixeira KJ, Júnior PSDEA, et al. Vacina contra o HPV e a prevenção do câncer do colo do útero: uma necessidade de avanço na prática cotidiana da ciência da saúde. *Rev Interdiscip Ensino, Pesqui Extensão-Rev Int*. 2015;3(1).
17. Kessler M, Thumé E, Duro SMS, Tomasi E, Siqueira FCV, Silveira DS, et al. Ações educativas e de promoção da saúde em equipes do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica, Rio Grande do Sul, Brasil. *Brasília: Epidemiol Serv Saúde*. 2018;27(2): e20173893.
18. Silva PMC, Silva IMB, Interaminense INCS, Linhares FMP, Serrano SQ, Pontes CM. Conhecimento e atitudes sobre o Papilomavírus humano e a vacinação. Rio de Janeiro: *Esc. Anna Nery*. 2018; 22(2):1–36.